

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

A ESPACIALIDADE DA INSDÚSTRIA NO RIO GRANDE DO NORTE (BRASIL) NO CONTEXTO DA REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA

Francisco Frualdo de Azevedo; Leonardo da Silva Galindo

Boletim Gaúcho de Geografia, v. 43, n.1, Agosto, 2016.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/57933>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos

UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - Agosto, 2016.
Associação dos Geógrafos Brasileiros
Seção Porto Alegre, RS, Brasil.

Boletim Gaúcho de Geografia

A ESPACIALIDADE DA INDÚSTRIA NO RIO GRANDE DO NORTE (BRASIL) NO CONTEXTO DA REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA

Francisco Fransualdo de Azevedo

Prof. Dr. do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte -
Campus Universitário Lagoa Nova. ffazevedo@gmail.com.

Leonardo da Silva Galindo

Mestrando do Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (UFRN).
leonardogalindo.ufrn@gmail.com.

RESUMO

Neste estudo, analisa-se como tem se organizado a atividade produtiva industrial no estado do Rio Grande do Norte (Brasil), com base no processo de reestruturação produtiva, destacando os principais setores industriais e suas dinâmicas territoriais. Para tanto, realizou-se revisão teórica e conceitual, coleta e sistematização de dados secundários em órgãos como a Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte (FIERN) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), referentes ao número de estabelecimentos industriais e empregados por setor de atividade industrial e sua localização na escala municipal. As principais indústrias presentes no território potiguar são dos setores tradicionais da Indústria de Transformação (têxtil, artigos do vestuário e acessórios, alimentos, bebidas e fabricação de produtos minerais não metálicos) e localizam-se, principalmente, na região metropolitana de Natal, em Mossoró e na região do Seridó potiguar; da Indústria Extrativa Mineral (notadamente extração de petróleo e gás natural, sal marinho), ambas localizadas no litoral norte (Mossoró e municípios circunvizinhos); e da Construção, cujos estabelecimentos e empregos concentram-se em Natal, Mossoró e Parnamirim. No que se refere ao processo de reestruturação produtiva, nota-se que as grandes empresas do setor têxtil e de artigos de vestuário, na região metropolitana de Natal, têm terceirizado parte de seu processo produtivo a partir das “faccões” (pequenas empresas localizadas, sobretudo, no Seridó). Alguns setores da indústria de alimentos também têm se dinamizado, passando a exportar seus produtos, destacando-se as empresas que fabricam confeitos e balas.

PALAVRAS-CHAVE: Indústria. Reestruturação Produtiva. Rio Grande do Norte. Natal. Mossoró.

1. INTRODUÇÃO

O Rio Grande do Norte (RN) é um estado da República Federativa do Brasil que se localiza na região Nordeste e possui uma população estimada de 3.408.510 habitantes, o que equivale a 1,67% da população brasileira (IBGE, 2011). Em 2011, o estado gerou um Produto Interno Bruto (PIB) de R\$ 36,103 bilhões, correspondendo a 0,9% do PIB do Brasil. Considerando o Valor Adicionado Bruto a preços básicos, o RN chegou a um valor de R\$ 31,88 bilhões, dos quais 72,6% eram provenientes das atividades de comércio e serviços, 23,7% da indústria e 3,7% da agropecuária (IBGE, 2011).

Quando separamos os valores concernentes à indústria, notamos que o RN respondia por 0,8% do valor da produção industrial do Brasil em 2011 (IBGE, 2011). Com base nessa informação, constatamos que a atividade industrial potiguar é pouco expressiva em relação ao país (IBGE, 2011).

Os anos 1980 e 1990 foram marcados por profundas mudanças na estrutura produtiva do estado, com o surgimento de novas atividades econômicas, modernização de alguns setores e desaparecimento de outros. Sobre esse assunto, Azevedo (2013) destaca que até meados dos anos 1970 a economia estadual era basicamente rural, sobressaindo-se a produção de cana-de-açúcar no litoral leste; a cotonicultura e a pecuária no sertão; a atividade salineira no litoral centro-norte e oeste; além da policultura de subsistência que envolvia a produção, principalmente, de milho, de feijão e de mandioca em todas as regiões do estado. Nesse sentido, a produção industrial se configurava basicamente pelo “beneficiamento desses produtos de origem agrícola, como é o caso dos engenhos de açúcar, das algodoieiras, das fábricas de óleos (oiticica e algodão), das oficinas de carne seca (carne de sol), os curtumes e as casas de farinha” (AZEVEDO, 2013, p. 117, apud FELIPE, 1986).

As transformações ocorridas na economia estadual, no final do século XX, levaram a dinamização da atividade produtiva. Com base em informações da FIERN (2014a), verificamos que a indústria do RN se caracterizou, em 2014, pela presença do setor extrativo mineral, com destaque para a produção de petróleo em terra e mar, produção de sal marinho, extração de minério de ferro, minerais metálicos não ferrosos e pedra, areia e argila.

No que se refere à Indústria de Transformação, encontram-se o setor agroindustrial voltado para produção de alimentos, bebidas e insumos agrícolas; o setor têxtil, de artigos do vestuário e acessórios; a produção de derivados de petróleo e biocombustíveis; a fabricação de produtos de minerais não metálicos

(produtos cerâmicos, cimento, concreto, vidro, cal e gesso). Por fim, destaca-se a Indústria da Construção, dividida em: construção civil, obras de infraestrutura e serviços especializados para a construção (FIERN, 2014a).

A dinamização do setor industrial decorre do processo de reestruturação produtiva em curso, que também levou ao surgimento da fruticultura irrigada, nas regiões central e oeste do RN, graças a investimentos do estado com a construção de reservatórios hídricos, como a barragem Armando Ribeiro Gonçalves, a qual incentivou a perenização do rio Piranhas-Açu. Também podemos citar o “turismo de sol e mar”, no litoral leste, visto como uma alternativa para superar a crise econômica dos anos 1980 (RODRIGUES, 1999). Convém, então, definir o que se entende por reestruturação produtiva. Trata-se de um processo multifacetado que

compreende um conjunto de transformações de caráter estrutural, organizacional e técnico, fazendo-se refletir no espaço geográfico em sua totalidade. Tais transformações se articulam e se configuram como alternativas de superação das crises cíclicas do sistema capitalista para a ampliação/reprodução do próprio capital, afetando sobretudo o mundo do trabalho, com contornos muito bem definidos, especialmente nos países subdesenvolvidos, onde o Estado do bem-estar-social ainda apresenta sérios problemas, limites e vulnerabilidades (AZEVEDO, 2013, p. 114).

Nesse sentido, não podemos considerar o estado do RN como um ente isolado. O processo de reestruturação produtiva ocorre em nível mundial. No Rio Grande do Norte, ele foi impulsionado pela chegada de empresas multinacionais que atuam no setor da fruticultura irrigada e têxtil, por exemplo, com a expansão da indústria de alimentos, a exemplo do grupo Santa Clara (hoje Três Corações), além de ter resultado no fim de algumas atividades, tal como a cotonicultura, a modernização da produção salineira e de cana-de-açúcar, que, com o surgimento dos biocombustíveis, também passou a ser utilizada para a fabricação de etanol.

Ressaltamos que as condições para a dinamização da produção moderna no RN foram criadas, principalmente, pelo estado, por meio da implantação de infraestruturas e subsídios, a exemplo da construção de infraestrutura hídrica, notadamente como é o caso da modernização agrícola no Baixo Açu e modernização das salinas. Tal processo possibilitou, dentre outros aspectos, a implantação da fruticultura irrigada no estado, sobretudo destinada ao mercado internacional, e no que concerne à indústria, os incentivos fiscais concedidos ocorreram, principalmente, a partir do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Industrial do Estado do Rio Grande do Norte (PROADI), além do Pró-Sertão que vem

estimulando a alocação da indústria têxtil e de confecções no interior do RN, e do PRONATEC, programa de capacitação de mão de obra.

Para entendermos a dinâmica industrial do RN, também se faz necessária uma breve revisão acerca do processo de industrialização do Brasil, historicamente concentrado no Sudeste, análise feita a seguir. De acordo com dados secundários coletados em órgãos como a Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Norte (FIERN) e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), classificaram-se os ramos de atividade de acordo com a Classificação Nacional de Atividades Econômicas – CNAE 2.0, os quais serão apresentados neste trabalho, dividindo-se em três grupos: Indústria Extrativa, Indústria de Transformação e Indústria de Construção.

2. BREVE REVISÃO SOBRE A INDUSTRIALIZAÇÃO BRASILEIRA

Ao final do século XIX, a economia brasileira baseava-se, principalmente, na monocultura do café, cuja atividade concentrava-se nos estados da região Sudeste do Brasil, especialmente em São Paulo. Nessa mesma época, chega ao fim a escravidão, de forma que os escravos que antes trabalhavam nos cafezais foram substituídos por mão de obra assalariada, constituída, principalmente, de pessoas que emigravam da Europa.

Os efeitos econômicos positivos da cafeicultura propiciaram ao estado de São Paulo um maior desenvolvimento das relações capitalistas de produção, comparativamente aos demais estados brasileiros, uma vez que o emprego de mão de obra assalariada e a consequente formação de mercado consumidor foram determinantes para o maior desenvolvimento da atividade fabril nesse estado no século XX (CANO, 1998). A isso se somam as características da economia da região Nordeste, que apresentava um reduzido mercado consumidor devido à grande concentração de renda e à decadência da economia regional baseada na produção da cana-de-açúcar (MOREIRA, 1979).

A crise de 1929 e a depressão dos anos 1930, associadas à grande safra de café maior do que a capacidade de consumo, levaram à queda do preço dessa *commodity* e, conseqüentemente, à diminuição da capacidade do Brasil para importar. A partir de 1933, o eixo da economia nacional mudou do agroexportador para o industrial, com o crescimento acelerado da indústria de bens não duráveis, estendendo-se até o início dos anos 1950, marcando o período denominado por Cano (1998, p.

72) de “industrialização restringida”.

O autor ressalta que essa época também foi marcada pelo início do processo de urbanização e pela ação do estado no intuito de promover a integração nacional, por meio da construção de infraestruturas. Nesse sentido, salienta-se que a indústria passa a se concentrar cada vez mais no Sudeste brasileiro, sobretudo em São Paulo, o que não significava que a atividade produtiva estivesse diminuindo em outras regiões brasileiras. Pelo contrário, a integração do mercado nacional favoreceu o crescimento industrial em todo o país, dando início a um processo de interdependência econômica entre as regiões (CANO, 1998).

Dos anos 1950 até o início da década de 1960, transcorreu o período da “Industrialização Pesada”, marcado pela expansão dos setores de bens de produção e consumo durável, baseados, principalmente, em capital estrangeiro e estatal (CANO, 1998, p.80). Esses ramos industriais se instalaram, especialmente, no Sudeste brasileiro, sobretudo em São Paulo, acentuando a concentração espacial da indústria brasileira. Dentre os fatores que levaram a concentração da produção nesse período Scarlato (2011, p. 337) destaca que

O Sudeste Brasileiro, na época da implantação dos grandes empreendimentos estrangeiros no Brasil, apresentava economias externas muito desenvolvidas, frutos das atividades empresariais nacionais ou mesmo das estrangeiras, há tempos radicadas no país. Isso fazia dessa região uma garantia de sucesso dos novos empreendimentos. Devemos lembrar que muitas economias externas de grande vulto, como centrais hidrelétricas, estradas, usinas siderúrgicas, escolas de preparação e qualificação de mão-de-obra, foram feitas às custas os investimentos públicos do Estado brasileiro.

151

Durante as décadas de 1960 e 1970, o Estado brasileiro atuou no sentido de tentar promover a desconcentração industrial, de forma a ampliar o parque produtivo no Brasil, e de modo particular na região Nordeste. Para tanto, foi criada, inicialmente, a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e, posteriormente, durante a ditadura militar, o Plano Nacional de Desenvolvimento (PND). Nesse sentido, de acordo com Moreira (1979, p. 57), “a industrialização seria o motor, por assim dizer, do processo que impulsionaria o desenvolvimento” do Nordeste. A atuação do Estado se deu tanto por intermédio de incentivos fiscais para a instalação de empresas como pela construção de grandes obras de infraestrutura, tais como hidrelétricas e rodovias. Nesse contexto, nota-se que tal política estatal visava gerar uma nova demanda de bens de capital internamente, demanda essa a ser suprida pelo setor industrial do Sudeste, configurando uma

relação de dependência inter-regional, sobretudo, do setor industrial nordestino em relação ao Sudeste (PEREIRA JÚNIOR, 2011).

Com base nessa política, o período 1970-1985 foi marcado por uma relativa desconcentração espacial da produção industrial (CANO, 1998). Todavia, percebe-se que houve uma desconcentração parcial da indústria, e no caso da industrialização do Nordeste esta ficou restrita, sobretudo, aos centros urbanos de Recife e Salvador (MOREIRA, 1979), enquanto na região Norte destacou-se o município de Manaus. Os principais ramos industriais instalados foram o de bens não duráveis no Nordeste (além da petroquímica em Salvador), bem como o de eletrônicos no Norte. A partir de 1985 até o fim do século XX, houve uma interrupção do processo de desconcentração espacial da indústria devido a uma série de fatores, tais como a crise da dívida nacional nos anos 1980, a abertura comercial e a valorização cambial nos anos 1990. Por outro lado, também existiam fatores que promoveram uma desconcentração espacial fraca de alguns setores específicos, tais como a desconcentração agrícola e a guerra fiscal (CANO, 1998).

De qualquer forma, a crise da dívida dos anos 1980, com a consequente redução da ação do estado no sentido de promover a atividade produtiva, bem como os efeitos da política de estabilização econômica na década de 1990, inibiram o crescimento da indústria em nível nacional (CANO; SILVA, 2010). No início do século XXI, a estabilização econômica – associada a um contexto de ações do Estado brasileiro – permitiu a volta do crescimento de alguns setores industriais. Nesse sentido, os autores citados destacam a criação, no governo Lula (2003-2010), da Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior (PITCE) e da Política de Desenvolvimento Produtivo (PDP). No entanto, para estes autores, a manutenção da política macroeconômica, baseada na alta taxa de juros e câmbio valorizado, inibidores do investimento na produção nacional e que torna os produtos brasileiros menos competitivos, levou ao não cumprimento das metas estabelecidas por essas políticas industriais.

No início da segunda década do século XXI destacou-se a criação do Plano Brasil Maior como política industrial para o período de 2011 a 2014. Ele está estruturado em 5 (cinco) diretrizes e pretende: fortalecer as cadeias produtivas dos setores mais atingidos pela concorrência de produtos estrangeiros; estimular o crescimento do setor de alta tecnologia, como química-petroquímica, aeronáutica e espacial, tecnologia da informação e comunicação; desenvolver as cadeias produtivas de suprimento em energia; diversificar as exportações (de produtos e mercados) e ampliar o conteúdo científico e tecnológico nos setores intensivos em recursos naturais (MDIC, 2011). Para promover o crescimento industrial, foram tomadas

várias medidas, tais como desoneração de impostos em diversos setores, bem como financiamento a juros baixos por meio do Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES). Nesse sentido, também se destaca a tentativa de adequar a política macroeconômica de forma a favorecer o desenvolvimento industrial com a redução da taxa de juros (Selic) de 12,5%, em 2011, para 7,25%, em 2013. No entanto, sob o argumento de manter a inflação controlada, o governo voltou a aumentar a taxa de juros, que chegou a 11,75%, ao final de 2014 (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2014).

A crise econômica na Europa, a desaceleração do crescimento da China e da América do Sul, o aumento da taxa de juros, a moeda local valorizada e o baixo crescimento econômico do Brasil a partir de 2011 foram fatores que dificultaram o cumprimento das metas estabelecidas. Nesse sentido, o atual quadro da indústria brasileira é marcado pela estagnação ou mesmo pela queda da produção em alguns setores, e pela concorrência com a indústria chinesa, cujos produtos estão cada vez mais presentes no mercado nacional.

3. DINÂMICA SOCIOESPACIAL DA INDÚSTRIA NO RIO GRANDE DO NORTE: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO

153

Conforme mencionado, o processo de reestruturação produtiva provocou diversas transformações na economia do Rio Grande do Norte. Inicialmente, a dinamização da indústria no estado ocorreu com a instalação da atividade petrolífera, em Mossoró e adjacências, nos idos dos anos 1970. Também merece destaque a criação do Polo Químico Sal/Álcalis, no contexto do II Plano Nacional de Desenvolvimento, no qual o governo tentava fomentar a desconcentração da produção estimulando o desenvolvimento industrial nas regiões Norte e Nordeste do país (REOLON, 2013). Dessa forma, o principal setor beneficiado no RN foi o de produção e refino de sal marinho. Com a modernização das empresas do setor, o estado passou a responder por mais de 90% da produção nacional, abastecendo as indústrias de alimentos em todo o país.

Reolon (2013, p. 92) destaca que durante os anos 1990 os governos dos estados da região Nordeste promoveram uma política de atração de empregos, principalmente, pela redução de impostos como o Imposto Sobre Circulação de Mercadorias (ICMS), fato que “ampliou seu parque industrial de produtos não duráveis, colocando-se como destino preferencial das indústrias leves e de menor sofisticação”. Mais recentemente esse movimento é marcado também pela

alocação de indústrias de bens duráveis na região Nordeste, a exemplo de indústrias automobilísticas nos estados da Bahia e Pernambuco.

Diante do exposto, nota-se que em 1984, o governo do RN aprovou o Programa de Apoio ao Desenvolvimento Industrial do Estado do Rio Grande do Norte (PROADI), tendo sido reformulado em 1997. Esse programa visa estimular o crescimento industrial por meio do financiamento de até 75% do valor do ICMS em troca do aumento de pelo menos 50% da capacidade de produção da indústria (FIERN, 2014c). Até 2009, 199 empresas estavam inseridas no programa, sendo 62% empresas do setor têxtil e de confecções, como a Coteminas e a Guararapes, e 20% do setor de alimentos, como a Multidia Indústria e Comércio S/A, Simas Industrial de Alimentos S/A e Três Corações Alimentos S/A (PORTAL NOMINUTO, 2009).

A tabela 1 apresenta o crescimento do volume do Valor Adicionado Bruto (VAB) para a indústria e para os ramos da Indústria de Transformação, Indústria Extrativa e Indústria da Construção. Atribuindo-se o valor 100, em 1995, para o Brasil, a região Nordeste e o Rio Grande do Norte, percebemos que a indústria potiguar apresentou crescimento acumulado – entre 1995 e 2010 – um pouco abaixo da média brasileira em função, principalmente, da queda do VAB (Valor Adicionado Bruto) da Indústria Extrativa.

Tabela 1: Série encadeada do volume do Valor Adicionado Bruto (VAB) a preços básicos, por atividades econômicas, para o Brasil, o Nordeste e o Rio Grande do Norte – 1995=100 (1995-2010)

ANO	VOLUME DO VALOR ADICIONADO BRUTO (VAB) A PREÇOS BÁSICOS											
	VAB INDÚSTRIA			VAB INDÚSTRIA EXTRATIVA MINERAL			VAB INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO			VAB CONSTRUÇÃO		
	BRASIL	NORDESTE	RN	BRASIL	NORDESTE	RN	BRASIL	NORDESTE	RN	BRASIL	NORDESTE	RN
1995	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
1996	101,1	99,7	103,6	102,4	102,5	110,3	100,1	99,9	112,3	103,2	98,8	90,1
1997	105,3	107,9	115,5	107,5	102,8	110,2	102,6	100,5	117,1	112	119,6	115,2
1998	102,6	109,2	117,2	111,4	103,2	114,8	97,6	99,7	114,5	113,3	124,2	118,8
1999	100,7	109,2	119,1	106,6	95,1	103,4	95,8	101,4	126,6	109,9	122,5	114
2000	105,5	112,1	123	116,3	89,8	91,9	101,2	103,9	141,4	112,1	125,6	120,4
2001	104,9	109,8	124,1	118,8	91,2	92,2	102	103,8	153,9	109,8	121,9	115,4
2002	107	111,4	124,6	132,6	91,5	91	104,4	106,5	160,4	107,4	118	112,4
2003	108,4	114,9	123,7	138,8	93,1	90,6	106,4	114	156,5	103,9	112,1	109,4
2004	117	125,1	128,5	144,8	99	95,2	115,4	124,7	154,7	110,7	119	118,7
2005	119,4	128,1	130,1	158,3	95,4	90	116,8	128,3	158,4	112,7	120,8	126,6
2006	122	132,3	127,6	165,2	89,3	79,7	117,9	131,6	153,1	118	129,8	140,7
2007	128,5	139,1	127,6	171,3	95,8	75,7	124,6	136,4	158	123,7	137,8	149,8
2008	133,7	145	129,6	177,3	94,9	70,2	128,3	139,6	161,8	133,5	153	163,2
2009	126,2	145,3	123	171,7	92,2	67,5	117,1	135,8	141,4	132,5	158,4	158,2
2010	139,4	161,7	133,2	195	98,2	64,5	128,9	147,5	159,3	148	189,9	179

Fonte: IBGE, 2011, em parceria com Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA).

Essa queda da Indústria Extrativa, possivelmente, deve-se em parte à redução da produção de petróleo no RN. Além disso, o VAB da Indústria de Transformação no RN apresenta-se praticamente estagnado desde 2002, de forma que apenas a Indústria da Construção tem apresentado crescimento do VAB a partir de 2002.

Em 2011, o Rio Grande do Norte contabilizou um Produto Interno Bruto (PIB) industrial de R\$ 7,54 bilhões, equivalente a 23,7% do PIB estadual (FIERN, 2014b). Desse total, R\$ 2,687 bilhões (8,4%) eram provenientes da Indústria Extrativa; R\$ 2,311 bilhões (7,3%) da Indústria da Construção; R\$ 2,223 bilhões (7%) da Indústria de Transformação e R\$ 0,319 bilhões (1%) de eletricidade, gás e água (FIERN, 2014b). Em seguida, apresentaremos dados relativos ao número de estabelecimentos industriais e empregados por setor industrial em nível municipal, bem como a média de salário por setor de atividade.

4. INDÚSTRIA EXTRATIVA

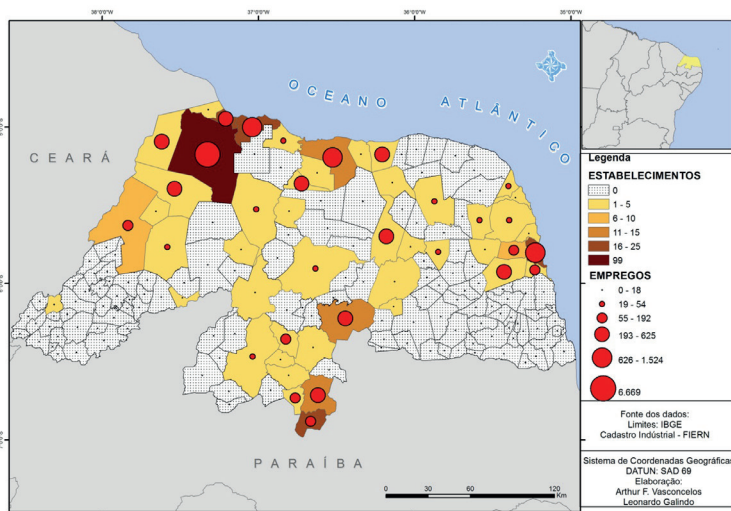
Os principais setores da Indústria Extrativa do RN são o de extração de petróleo e gás natural, extração de minerais não metálicos (extração e refino de sal marinho e extração de pedra, areia e argila), extração de minerais metálicos (minério de ferro, minério de metais preciosos e minerais metálicos não especificados). De acordo com a FIERN (2014b), os trabalhadores da Indústria Extrativa recebiam no RN, em média, 6,2 salários mínimos em 2012¹. Esse valor se deve à atividade de extração de petróleo e gás natural, cujo valor pago era, em média, 18,1 salários mínimos por mês no ano mencionado. No outro extremo, havia as empresas que extraem minério de ferro que pagavam ao trabalhador do setor cerca de 1,2 salários mínimos, enquanto os demais setores pagavam em torno de dois salários mínimos. O cartograma 1 apresenta a distribuição, em nível municipal, dos estabelecimentos e do número de empregados no setor Industrial Extrativo no RN em 2014.

Ao todo, a Indústria Extrativa empregava, formalmente, no RN, 14.067 pessoas distribuídas em 295 estabelecimentos industriais. Verifica-se que os estabelecimentos e empregos do setor industrial extrativo encontram-se distribuídos em parte do litoral leste (principalmente no município de Natal), sul do estado (Seridó) e, principalmente, centro-norte e noroeste do Rio Grande do Norte, notadamente no município de Mossoró, que concentra tanto a extração de petróleo e gás natural quanto à extração e o refino de sal marinho.

1 Em 2012, o salário mínimo vigente no Brasil correspondia a R\$ 622,00.

Os dados da FIERN (2014a) indicam que a atividade de extração de petróleo e gás natural e atividades de apoio à extração desse mineral empregam 6.863 funcionários, sendo que o município de Mossoró concentra 36 estabelecimentos e 5.036 funcionários. O RN extrai petróleo tanto em terra quanto no mar. No entanto, nota-se uma queda significativa da extração do óleo, uma vez que o estado produzia mais de 99 mil barris de petróleo por dia, em 1999, diminuindo para pouco mais de 60 mil em 2012 (GALVÃO, 2002; SEPLAN, 2014).

Cartograma 1: Número de estabelecimentos industriais e empregados da Indústria Extrativa no Rio Grande do Norte em nível municipal (FIERN, 2014a)



Fonte: Artur F. Vasconcelos & Leonardo Galindo, 2015.

A queda na produção deve-se, principalmente, à maturação dos poços produtores, muitos em atividade há mais de 30 anos. Com a diminuição da produção petrolífera, a indústria extrativa do RN, que representou 4,8% do Valor Adicionado Bruto (VAB) da indústria extrativa do Brasil, chegou, em 2010, com 1,8% do valor da produção desse setor (IBGE, 2014). Com a descoberta de novas reservas de petróleo no mar, existe a expectativa de aumento da produção nos próximos anos (TRIBUNA DO NORTE, 2014a).

No que concerne à extração de minerais não metálicos, a principal atividade é a extração e o refino de sal marinho, realizada em parte do litoral norte do RN. Ao todo são 4.312 empregados na atividade e 112 estabelecimentos industriais. Os

municípios onde se concentra essa atividade são: Mossoró, com 55 estabelecimentos e 1.524 empregados; Areia Branca, com 14 estabelecimentos e 1.272 funcionários; e Macau, com 10 estabelecimentos e 938 funcionários. Dentro do grupo de minerais não metálicos também está a extração de pedra, areia e argila que emprega 1.161 funcionários em 74 estabelecimentos industriais, destacando-se os municípios de Macaíba – no leste do estado –, com 2 empresas e 235 funcionários, e de Equador – no sul do RN (Seridó) –, com 10 empresas e 157 funcionários. A indústria extrativa do RN ainda se caracteriza pela presença da extração de minerais metálicos, compreendendo minério de ferro, metais preciosos e outros minerais metálicos não especificados. Esse setor emprega no estado 1.098 pessoas, sendo que o município de Currais Novos, no Seridó, concentra 5 estabelecimentos e 524 funcionários (FIERN, 2014a).

5. INDÚSTRIA DA TRANSFORMAÇÃO

De acordo com o Cadastro Industrial (FIERN, 2014a), havia, em 2014, 4.240 estabelecimentos industriais da Indústria de Transformação empregando formalmente 68.146 pessoas no estado. Os principais ramos da Indústria de Transformação estão relacionados com a produção de produtos têxteis, artigos do vestuário e acessórios, alimentos e bebidas, produtos derivados de minerais não metálicos (produtos cerâmicos, cimento, cal, gesso e vidro), derivados de petróleo e biocombustíveis e produtos de borracha e material plástico.

A Indústria de Transformação pagava, em 2012, a menor média de salário (1,7 salários mínimos) em relação aos demais setores. Os trabalhadores do ramo de artigos do vestuário e de acessórios recebiam a menor média de salário (1,3 salários mínimos), e os de derivados de petróleo e biocombustíveis a maior média (4,6 salários) (FIERN, 2014b). O cartograma 2 apresenta a distribuição do número de estabelecimentos e empregos da Indústria de Transformação.

A Indústria Têxtil, de artigos do vestuário e acessórios, é a que detém o maior número de empregos da Indústria de Transformação. De acordo com a FIERN, em 2014(a), nos 712 estabelecimentos relacionados a esse segmento trabalhavam 25.603 pessoas, das quais 46% na empresa Guararapes Têxtil S/A. Esse vetor industrial concentra-se, principalmente, em Natal e em alguns municípios de sua região metropolitana, bem como no Seridó (sul do estado). Sobre esse setor econômico, a FIERN (1999 apud GALVÃO, 2002, p. 36) comenta:

Embora a produção do algodão não tenha sido, ainda, reativada desde o seu declínio nos anos 80, o setor têxtil, conseguiu se recompor com base em novos parâmetros. [...] a presença da Indústria Têxtil no Rio Grande do Norte já não ocorre, portanto, em virtude da oferta abundante de matéria-prima, mas de outros atrativos, como o menor custo relativo da mão-de-obra, que é também facilmente adaptável à atividade, e a renúncia do ICMS concebida pelo Governo do Estado.

Uma característica desse setor é a concentração de grandes empresas, tais como Guararapes e Coteminas, em Natal e região metropolitana, algumas delas com mais de mil funcionários, enquanto predominam as chamadas “fácções” de costura no Seridó, que raramente ultrapassam os 100 funcionários por empresa. Conforme mencionado, o setor têxtil foi o mais beneficiado pelo PROADI. Também se destaca o Programa Pró-Sertão, criado em 2013, que visa estimular o crescimento do número de fácções no interior do estado até 2017.

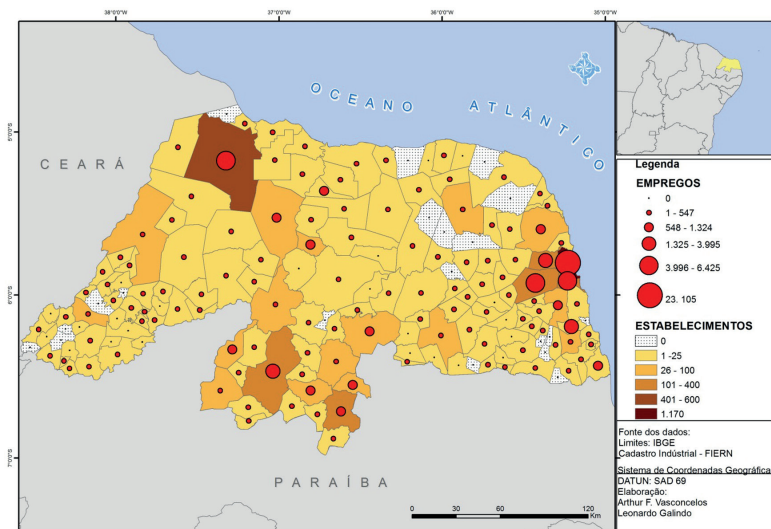
Nesse sentido, o programa visa atender “Micro e Pequenas Empresas ou potenciais empreendedores [...] interessados na prestação de serviços de costura na cadeia de suprimentos de grandes indústrias do segmento têxtil e de confecções” (SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO RIO GRANDE DO NORTE – SEBRAE, 2014). Com isso, nota-se a terceirização da produção de empresas como a Guararapes Confecções, maior do estado, com fábrica em Natal, a qual conta com 11.851 empregados (FIERN, 2014a). Com o Pró-Sertão, a Guararapes vem terceirizando os serviços de costura, sendo atendida por fácções como a WA Confecções, criada em 2008 e localizada no município de Cruzeta, Seridó do RN, que, por sua vez, também costura para a empresa Cia Hering.

Recentemente, outra ação que tem contribuído parcialmente para o crescimento da indústria foi a criação do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), em 2011, pelo Governo Federal. Entre os objetivos do PRONATEC está a qualificação profissional e técnica com a oferta de cursos gratuitos (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2011). Nesse sentido, a WA Confecções, citada no parágrafo anterior, foi uma das beneficiadas pelo programa. Em entrevista, a proprietária da fácção afirmou ceder o espaço de sua empresa durante a noite, no qual o programa oferece um curso gratuito de mecânico de máquinas. Com o curso, a fácção não precisou investir em formação profissional e ainda contratou nove funcionários formados pelo PRONATEC.

O município de Natal é o que apresenta o maior número de empregados do setor, com 13.758 pessoas distribuídas em 183 estabelecimentos, sendo a Guararapes a maior empregadora, seguido pelo município de Parnamirim, com

53 estabelecimentos e 2.715 funcionários; São Gonçalo do Amarante, com 11 estabelecimentos e 2.557 funcionários; e Macaíba, com 13 estabelecimentos e 1.393 funcionários, todos na região metropolitana de Natal. Já dentre as cidades onde predominam as facções de costura destacam-se: Caicó, com 74 estabelecimentos e 923 funcionários (tanto de fabricação de produtos têxteis como artigos de vestuário e acessórios) e Jardim de Piranhas, com 78 estabelecimentos e 704 funcionários (apenas na fabricação de produtos têxteis) (FIERN, 2014a).

Cartograma 2: Número de estabelecimentos industriais e empregados da Indústria de Transformação no Rio Grande do Norte em nível municipal (FIERN, 2014a)



Fonte: Artur F. Vasconcelos & Leonardo Galindo, 2015.

O setor da indústria de alimentos e bebidas, em 2014, empregava 16.128 pessoas e suas indústrias localizam-se, principalmente, em Natal, com 302 estabelecimentos e 2.843 funcionários; Mossoró, com 141 estabelecimentos e 2.754 funcionários; Macaíba com 66 estabelecimentos e 2.581 funcionários; Arês, no litoral leste, com 5 estabelecimentos e 2.056 funcionários; e Parnamirim, com 76 estabelecimentos e 1.478 empregados. Todos os municípios citados, com exceção de Mossoró, localizam-se na porção leste do estado. Dentre as grandes empresas, destacam-se a M. Dias Branco, em Natal, que fabrica derivados do trigo, e a Três Corações Alimentos S/A que atua em torrefação e moagem de café. Essa empresa também possui duas unidades industriais em Mossoró, atuando na fabricação de

bebidas e produtos da culinária regional. Mossoró ainda se destaca pela presença de empresas de fabricação de conserva de frutas e beneficiamento da castanha do caju, como a Usibras, que emprega 938 pessoas no município.

Outras empresas importantes do setor de alimentos são: Simas Industrial (678 empregados), voltada para a fabricação de biscoitos e balas, no município de Macaíba, a qual exporta boa parte de sua produção para os Estados Unidos (MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR, 2013); a Companhia de Bebidas da América Latina (Ambev), com 384 funcionários, em São Gonçalo do Amarante, a qual atua na produção de cervejas; a Multidia Indústria e Comércio S/A, empresa do ramo de produção de alimentos para o público infantil, localizada em Macaíba, com 258 funcionários, dentre outros.

Outro setor significativo da Indústria de Transformação no RN é o da fabricação de produtos de minerais não metálicos, que envolve, principalmente, produtos cerâmicos não refratários para uso na construção (como telhas e tijolos, por exemplo), artefatos de concreto, cal, gesso, cimento e artigos de vidro. Essas atividades foram responsáveis pelo emprego formal de 8.946 pessoas no estado, contando com 483 estabelecimentos, de acordo com a FIERN (2014a).

As empresas do setor estão distribuídas em vários municípios do RN, sendo os principais deles: Mossoró, no oeste do estado, que, em 2014, concentrou 32 estabelecimentos, com 999 funcionários; Parelhas, no sul do RN (Seridó), com 52 estabelecimentos e 923 funcionários; Natal, no leste do estado, com 43 estabelecimentos e 856 funcionários; Itajá, na região central, onde atuam 22 estabelecimentos que empregam 675 funcionários; Carnaúba dos Dantas, no Seridó, onde 664 pessoas trabalham em 25 estabelecimentos; Caicó, também do Seridó, com 16 estabelecimentos e 562 funcionários; e São Gonçalo do Amarante, no leste do RN, onde existem 21 estabelecimentos e 544 trabalhadores no setor.

A Indústria de Transformação no RN também contempla o setor de fabricação de produtos derivados de petróleo e biocombustíveis. Ao todo 1.376 pessoas trabalham nesse setor concentrado em poucos municípios e em apenas 8 estabelecimentos. Considerando o número de empregados, o município de Baía Formosa, localizado no Sudeste do RN, apresenta o maior contingente, onde trabalham 619 pessoas na fabricação de etanol proveniente da cana-de-açúcar em duas empresas, sendo que a Vale Verde Empreendimentos Agrícolas Ltda. emprega quase a totalidade dos trabalhadores (são 615).

Em Guamaré, no litoral norte do estado, constam 3 estabelecimentos, os quais empregam 546 trabalhadores que atuam na fabricação de produtos derivados de petróleo. Nesse município, está instalada uma refinaria de petróleo da empresa Petróleo Brasileiro S/A (Petrobrás) que produz diesel, nafta petroquímica, gasolina automotiva e querosene de aviação (PETROBRÁS, 2013). Já no município de Taipu, localizado no agreste (leste) do RN, 1 empresa emprega 209 funcionários na fabricação de álcool.

Já o setor de fabricação de produtos de borracha e material plástico emprega no RN 1.616 pessoas em 86 estabelecimentos, dos quais 15 localizam-se em Paramirim, onde trabalham 559 funcionários. Em seguida, aparece o município de Macaíba, também na região metropolitana, com 14 estabelecimentos e 337 trabalhadores; e Mossoró, com 12 estabelecimentos e 329 funcionários.

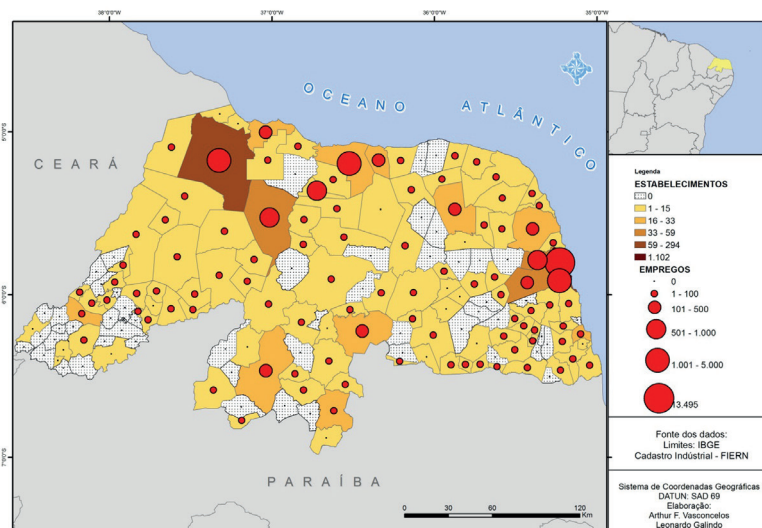
6. CONSTRUÇÃO

Com base no número de empregados, em nível municipal, apresentados em 2014(a) no Cadastro Industrial FIERN, trabalhavam na Indústria da Construção 25.731 funcionários em 3.336 estabelecimentos. Os números divergem bastante dos dados divulgados, em 2012, no documento “Rio grande do Norte: Indicadores Básicos da Indústria”, de acordo com o qual a Construção Civil empregava formalmente 42.558 pessoas em todo o estado. Essa diferença entre o número de empregados pode ser tanto em razão da desaceleração econômica do setor, veiculada na mídia local (TRIBUNA DO NORTE, 2014c), quanto pela diferença de metodologia empregada.

O Cadastro Industrial FIERN apresenta o número de estabelecimentos e de empregados por município e por empresa do RN. Esse foi o dado utilizado para o mapeamento da distribuição dos empregos e estabelecimentos do setor no estado (cartograma 3) e também da Indústria de Transformação e Extrativa. Já o documento “Indicadores Básicos” (também publicado pela FIERN) apresenta dados coletados junto ao Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e IBGE. No entanto, a discrepância que se verificou com os dados da Indústria da Construção não se repetiu nos números referentes à Transformação e Extrativa, em que o número de empregos foi praticamente idêntico nas duas fontes mencionadas. Com base no documento “Indicadores Básicos”, em 2012, 148.000 mil pessoas trabalhavam nesse vetor industrial, ao passo que o Cadastro Industrial aponta 107.939 pessoas, em 2014, em função da diferença de empregos na Construção.

Optou-se por utilizar os dois documentos porque o intitulado “Indicadores Básicos” apresenta dados importantes não disponibilizados no Cadastro Industrial, como a média de salário, a porcentagem da população economicamente ativa empregada e o número de trabalhadores sem vínculo formal para o estado do RN. Porém, esse documento não permite um mapeamento da distribuição dos empregos em nível municipal.

Cartograma 3: Número de estabelecimentos industriais e empregados da Indústria da



Construção no Rio Grande do Norte em nível municipal (FIERN, 2014a)

Fonte: Artur F. Vasconcelos & Leonardo Galindo, 2015.

O município de Natal concentra o maior número de estabelecimentos e trabalhadores com 1.102 e 13.495, respectivamente. Em seguida está Mossoró com 294 estabelecimentos e 4.171 trabalhadores formais, enquanto que em Parnamirim 1.468 funcionários trabalham em 209 estabelecimentos. Conforme a classificação das atividades econômicas, a Indústria da Construção pode ser dividida em três partes: construção civil, obras de infraestrutura (principalmente construção de rodovias, urbanização de ruas e praças, obras para geração e distribuição de energia elétrica, montagem de instalações industriais e estruturas metálicas, construção de obras de arte especiais) e serviços especializados para a construção (principalmente instalações hidráulicas e elétricas, obras de acabamento e de terraplenagem).

Em Natal, a maioria dos estabelecimentos e empregados está no setor da construção civil: são 8.260 trabalhadores, enquanto 3.764 pessoas estão ocupadas em serviços especializados para a construção e 1.471 em obras de infraestrutura. Em Parnamirim, a situação é idêntica: são 850 trabalhadores na construção civil, 562 em serviços especializados para a construção e 56 em obras de infraestrutura. Já em Mossoró a situação é oposta. Mais de 100 estabelecimentos de construção civil no município empregam 1.341 funcionários, enquanto 28 estabelecimentos de obras de infraestrutura empregam 2.412 funcionários. Esse número deve-se, principalmente, a três empresas: Vipetro Construções e Montagens Industriais Ltda. (600 funcionários), Skanska Brasil Ltda. (500 funcionários) e Tenace Engenharia e Consultoria Ltda. (314 funcionários), todas atuando na montagem de instalações industriais e de estruturas metálicas, na cadeia produtiva do petróleo, tendo a Vipetro, por exemplo, atuação na construção de gasodutos no estado. Mossoró ainda tinha 418 funcionários trabalhando no setor de serviços especializados para a construção.

Além de estimulada pelo setor petrolífero, a Indústria da Construção apresentou crescimento significativo no Rio Grande do Norte em função de diversos fatores, tais como: a estabilização e o crescimento da economia e da renda real do trabalhador nos últimos anos, os programas habitacionais – como o Minha Casa, Minha Vida, do Governo Federal –, o crescimento do setor de serviços, principalmente com o turismo e a construção de residências de uso ocasional, o processo de verticalização em Natal, Mossoró e centros urbanos maiores e a realização de megaeventos, como a Copa do Mundo FIFA 2014.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório que o estado do RN passou por uma diversificação em sua estrutura produtiva comparativamente a que existia nos anos 1970. (Re)produz-se, no estado, uma Indústria Extrativa baseada na existência/disponibilidade de recursos naturais, como os vetores de extração de petróleo e do refino de sal marinho, além de uma Indústria de Transformação que se instala devido as políticas de incentivos fiscais e disponibilidade de mão de obra barata. Já fatores como o crescimento do turismo, a estabilidade econômica, o crescimento da renda real, a realização de megaeventos e a expansão do setor de serviços, além de programas de financiamento habitacional como o Minha Casa, Minha Vida, do governo federal, contribuíram para o crescimento da Indústria da Construção e setores associados nos três

maiores municípios do RN.

Sobre o processo de desenvolvimento da indústria no Brasil, é notória a incipiência desta atividade na região Nordeste e, quando existe, é pontual e restrita, sobretudo, aos estados da Bahia, Pernambuco e Ceará, apesar de algumas mudanças recentes, como a instalação de indústrias automobilísticas na região, a exemplo da marca Jeep no estado de Pernambuco. Mesmo assim, os dados evidenciam a concentração da produção industrial no Sudeste brasileiro. Não estão instaladas no Rio Grande do Norte indústrias de bens duráveis, de alta tecnologia, cujos produtos têm alto valor agregado. O valor da produção industrial do estado não representa 1% do total nacional e é pouco significativo, mesmo em relação ao Nordeste. Todavia, não se pode deixar de considerar que o RN é um estado pequeno, que ocupa menos de 1% do território nacional, representa menos de 2% da população brasileira, conseqüentemente, um pequeno mercado de trabalho e de consumo.

Não obstante a pouca expressividade da indústria instalada no RN, mesmo assim a mesma é bastante significativa no contexto da reestruturação produtiva em curso no estado. O surgimento e expansão das facções (pequenas fábricas de confecções) no Seridó potiguar depois da crise da cotonicultura e da pecuária tem sido importante na movimentação econômica desse espaço regional. A indústria ocupava 20,3% da população economicamente ativa no RN em 2012 (FIERN, 2014b), sendo 148.000 empregos formais, ao passo que 144.000 pessoas trabalhavam sem garantias trabalhistas. De fato, chama-nos a atenção o expressivo número de estabelecimentos industriais que tinham entre 0 e 2 empregados, indicando elevado grau de informalidade do setor.

Costumeiramente, a instalação de uma unidade industrial é sempre acompanhada do discurso marcado pela ideologia do desenvolvimentismo, de geração de emprego e renda. Assim como Reolon (2013), acreditamos que o desenvolvimento não deve ser medido apenas pelo número de empregos gerados e do crescimento do PIB, mas também envolve o bem-estar da população, que deve ter acesso a serviços básicos e essenciais como saneamento básico, saúde, educação e transporte público de qualidade.

Mas o que se observa é o inverso desse ideal, com o estado abrindo mão de impostos para a instalação de empresas, com significativos investimentos na geração e na construção de infraestruturas para elas. No entanto, nos primeiros sinais de cessão dos subsídios concedidos, as empresas ameaçam deslocar-se para outros estados. Esse fato só prejudica os lugares e as regiões periféricas, afinal, o capital não tem pátria e busca todas as viabilidades e facilidades possíveis para se reproduzir, portanto, nesse contexto, muitas empresas trabalham com a iniciativa

de deslocamentos para lugares em que terão menores custos de produção.

É preciso fomentar a instalação de indústrias de alta tecnologia, que paguem melhores salários do que o predominante no estado, mas para isso é necessário que seja estimulada a formação técnica e se supere o dilema do analfabetismo, pois o estado ainda apresenta elevado nível de analfabetismo no contexto nacional. As poucas empresas de alta tecnologia que vêm para o Nordeste acabam instalando-se nos estados com maior mercado consumidor, maior nível de qualificação técnica de pessoas e cuja configuração política conta com forte articulação com o poder central, a exemplo dos estados da Bahia, Pernambuco e Ceará.

Com poucos fatores locais atrativos em relação ao Sudeste, e mesmo em relação ao Nordeste, o RN deverá seguir, por um longo período, com um setor industrial de base primária, oferecendo subsídios fiscais e mão de obra barata, o que compromete sobremaneira a qualidade de vida da população. Esse quadro, possivelmente, só mudará se houver valorização do salário médio da população, além de um possível aumento significativo da porcentagem de trabalhadores da indústria com emprego formal, aliado à expansão e à melhoria da qualidade dos serviços públicos prestados pelo estado.

ESPACIALIDAD DE LA INDUSTRIA EN RIO GRANDE DO NORTE (BRASIL) EN EL CONTEXTO DE REESTRUTURACIÓN PRODUCTIVA

RESUMEN

Este estudio investiga cómo se ha organizado la actividad de producción industrial en el estado de Rio Grande do Norte (Brasil), relacionado con el proceso de reestructuración productiva, con enfoque a las industrias principales y sus dinámicas territoriales. Se realizó un estudio teórico y conceptual, seguido de estudio de datos secundarios recogidos en instituciones como la Federación de Industrias del Rio Grande do Norte (FIERN) y el Instituto Brasileño de Geografía y Estadística (IBGE), sobre el número de fábricas y empleados por sector industrial y su ubicación en la escala municipal. Las principales industrias presentes en el territorio Potiguar son de sectores tradicionales de la Industria de Transformación (textil, ropas y accesorios, alimentos, bebidas y fabricación de productos minerales no metálicos) y se encuentran principalmente ubicados en el región metropolitana de Natal, Mossoró y en región del Seridó – Rio Grande do Norte; la Industria extractiva de minería (en particular la extracción de petróleo y gas natural, y sal marina), ubicadas en la costa norte (Mossoró y cercanías); Y la construcción civil (asociado al mercado

inmobiliario), cuyos establecimientos y el número de puestos de trabajo se concentran principalmente en Natal, Parnamirim y Mossoró. Intrínseco el proceso de reestructuración productiva se hace constar que las grandes empresas de la industria textil y de ropas concentradas en la región metropolitana de Natal, sin embargo han descentralizado parte de su proceso productivo para el interior del estado, articuladas con pequeñas empresas ubicadas principalmente en la región del Seridó (empresas subcontratadas). Algunos sectores de la industria alimentaria también se han racionalizado y dinamizados en el contexto de reestructuración productiva comenzando a exportar sus productos, con destaque para mercancías como confitería y dulces.

PALABRAS CLAVE: Industria. Reestructuración Productiva. Rio Grande do Norte. Natal. Mossoró.

SPACIALITY OF THE INDUSTRY IN RIO GRANDE DO NORTE (BRAZIL) IN THE CONTEXT OF PRODUCTIVE RESTRUCTURING

ABSTRACT

This study analyzes the organization of industrial production activity in the state of Rio Grande do Norte (Brazil) based on the restructuring productive process, pointing out key industrial sectors and its territorial dynamics. Therefore, theoretical and conceptual research were performed and secondary data was collected from organizations such as the Federation of Industries of Rio Grande do Norte (FIERN) and the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE), on numbers of factories and employees by sector of industrial activity and their location on the municipal territory. The main industries within the state of Rio Grande do Norte are related to the traditional sectors of the Manufacturing Industry (textile, clothing items and accessories, food, beverages and manufacture of non-metallic mineral products) mostly located in the metropolitan area of Natal, in Mossoró and in the Seridó region; the Mining and Quarrying Industry (notably oil and natural gas extraction, sea salt), both on the north coast (Mossoró and surrounding municipalities); and the Construction Industry, whose establishments and jobs are concentrated in the cities of Natal, Parnamirim and Mossoró. Regarding to the restructuring productive process, large textile and garment companies in the metropolitan area of Natal have outsourced part of their production process from the “factions” (small businesses) mainly located in Seridó. Some sectors of the food industry have also streamlined, exporting their products, chiefly the companies that manufacture confectionery and candy.

KEYWORDS: Industry. Productive Restructuring. Rio Grande do Norte. Natal. Mossoró.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Francisco Fransualdo de. **Reestruturação Produtiva no Rio Grande do Norte**. Mercator, Fortaleza, v. 12, número especial (2), p. 113-132, set. 2013.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Histórico da Taxa de Juros (2014)**. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/?COPOMJUROS>>. Acesso em 07 de jan. 2015.
- CANO, Wilson. **Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil, 1930 – 1995**. 2. ed. Ver. aum. – Campinas, SP: UNICAMP. IE, 1998.
- CANO, Wilson; SILVA, Ana Lúcia Gonçalves Da. **Política Industrial do governo Lula**. Texto para Discussão. IE/UNICAMP n. 181, julho 2010.
- FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE-FIERN. **Cadastro Industrial Sistema FIERN**. Disponível em: <<http://cadindustrial.fiern.org.br/>> acesso em 10 mai. 2014a.
- _____. **Rio Grande do Norte: Indicadores Básicos e Indústria**. Disponível em: <http://www.fiern.org.br/images/pdf/monitor_economico/desempenho_industria/rn_2014_perfil_resumido_17.pdf>. Acesso em 05 set. 2014b.
- _____. **Programa de Apoio ao Desenvolvimento Industrial do Estado do Rio Grande do Norte - PROADI**. Disponível em: <<http://www.fiern.org.br/index.php/producao-e-geracao-de-empregos/proadi>>. Acesso em 13 out. 2014c.
- FELIPE, José L. A. Elementos de Geografia do RN. Natal: EDUFRRN, 1986.
- GALVÃO, Maria Luiza de Medeiros. **Rio Grande do Norte: Geografia**. Natal, Edição do autor, 2002. 120p.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Contas Regionais do Brasil 2011**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/contasregionais/2011/default.shtm>>. Acesso em 11 out. 2014.
- _____. **IBGE Estados: RN**. Disponível em: <<http://www.ibge.com.br/estadosat/perfil.php?sigla=rn>>. Acesso em 20 out. 2014.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego – PRONATEC**. Disponível em: <<http://pronatec.mec.gov.br/>>. Acesso em 12 dez. 2014.
- MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR – MDIC. **Plano Brasil Maior**. Disponível em: <<http://www.brasilmaior.mdic.gov.br/conteudo/128>>. Acesso em 07 jan. 2015.
- _____. **Rio Grande do Norte: Principais Produtos Exportados em 2013**. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=5&menu=1076>>. Acesso em 15 ago. 2014.

- MOREIRA. **O nordeste brasileiro**: uma política regional de industrialização. Rio de Janeiro. Editora: Paz e Terra, 1979.
- NO MINUTO.COM. **Entenda o PROADI em 20 perguntas**. Disponível em: <<http://www.nominuto.com/noticias/cidades/entenda-o-proadi-em-20-perguntas/27839/>>. Acesso em 12 dez. 2014.
- PEREIRA JÚNIOR, Edilson Alves. **Território e economia política**: uma abordagem a partir do novo processo de industrialização no Ceará. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia - Presidente Prudente: [s.n], 2011. 450 f.
- PETROBRÁS. **Refinaria Potiguar Clara Camarão**. Disponível em: <<http://www.petrobras.com.br/pt/nossas-atividades/principais-operacoes/refinarias/refinaria-potiguar-clara-camarao.htm>>. Acesso em 07 nov. 2014.
- REOLON, Cleverson Alexsander. **Produção Industrial e Comando do Capital no Brasil: Uma Análise Espacial**. 1. Ed. – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.
- RODRIGUES, ADYR A. BALASTRERI. Percalços do Planejamento Turístico: o PRODETUR-NE. RODRIGUES, ADYRA. B. (org.). **Turismo e Geografia: Reflexões Teóricas e Enfoques Regionais**. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- SCARLATO, Francisco Capuano. O Espaço Industrial Brasileiro. In: ROSS, Jurandyr L. Sanches (org.). **Geografia do Brasil**. 6. Ed., 1. Reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.
- SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO RIO GRANDE DO NORTE – SEBRAE. **Pró-Sertão**. Disponível em: <<http://www.rn.sebrae.com.br/oque-o-sebrae-oferece/setores/industria/projeto-pro-serta-o/>>. Acesso em 10 dez. 2014.
- SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO E DAS FINANÇAS – SEPLAN. **Perfil do Rio Grande do Norte 2014**. Disponível em: <<http://www.seplan.rn.gov.br/arquivos/download/PERFIL%20DO%20RN%202014.pdf>>. Acesso em 10 dez. 2014.
- TRIBUNA DO NORTE. **Euforia, Desânimo e Esperança**. Disponível em: <<http://tribunadonorte.com.br/noticia/euforia-desanimado-e-esperanca/280250>>. Acesso em 10 dez. 2014a.
- _____. **Vamos abrir duas novas lojas da Riachuelo no RN**. Disponível em: <<http://tribunadonorte.com.br/noticia/vamos-abrir-duas-novas-lojas-da-riachuelo-no-rn/280184>>. Acesso em 12 dez. 2014b.
- _____. **Lançamentos e Vendas Caem no RN**. <<http://tribunadonorte.com.br/noticia/lançamentos-e-vendas-caem-no-rn/289932>>. Acesso em 04 jan. 2014c.

Data de recebimento: 19/08/2015

Data de aceite: 18/03/2016